

Ponto de equilíbrio é indispensável

Os dados mais recentes do Banco Central, relativos a julho, informam que naquele mês o balanço de pagamentos apresentou superávit de US\$ 5,2 bilhões em julho, mas com as transações correntes deficitárias em US\$ 6 bilhões em julho, acumulando US\$ 78,4 bilhões em doze meses, equivalentes a 3,45% do PIB. Na conta financeira, destacaram-se os ingressos líquidos de Investimentos Estrangeiros Diretos (IED), de US\$ 5,9 bilhões, perfazendo, nos doze meses encerrados em julho, os ingressos líquidos de US\$ 64 bilhões, ou 2,82% do PIB.

Como vem ocorrendo há tempos, o IED não está conseguindo cobrir o déficit nas contas externas. Esses recursos destinam-se ao setor produtivo e, por isso, são tidos como de melhor qualidade. No ano, a diferença entre a entrada de IED e o déficit nas contas externas é de US\$ 14,1 bilhões, buraco a ser coberto pelo chamado capital de portfólio, isto é, dinheiro que aporta na economia brasileira para aplicações em renda fixa, mercado acionário e outros investimentos de curto prazo. Estes são recursos que abandonam o País rapidamente, a qualquer sinal de problemas internos ou de mudanças no cenário internacional. Volátil, o dinheiro desta conta troca de porto com grande facilidade, em busca de territórios mais atraentes para sua rentabilidade e segurança.

Como o Brasil possui, hoje, um grande volume de reservas cambiais – cerca de US\$ 380 bilhões – sua vulnerabilidade a uma crise cambial é, neste momento, pouco expressiva. Estudiosos, entretanto, alertam que esse quadro favorável pode mudar de cores com relativa facilidade.

De maneira mais imediata, um dos efeitos da dependência de recursos externos de curto prazo é o seu impacto sobre a política de juros. Uma isca clássica para este tipo de capital é a elevação da taxa de juros, pois quanto mais altos eles forem, mais investidores de curto prazo tenderão a trazer seus dólares para o País. Com isso, porém, o crédito interno se torna mais caro, adicionando dificuldades para os projetos de investimento produtivo. O consumo, também atingido pelo mesmo encarecimento, perde força e torna toda a atividade econômica mais fraca.

UMA DAS FERRAMENTAS para desmontar tal armadilha, conforme especialistas, é contar justamente com uma taxa de câmbio em equilíbrio, pois neste caso a balança comercial terá melhores condições de produzir superávits capazes de engrossar o fluxo de capital externo para o País.

O problema é que o desempenho da balança comercial depende da capacidade de um país de competir com os players externos tanto no exterior quanto no próprio mercado interno, onde deve ter força suficiente para disputar espaço com produtos e serviços que vêm de fora.

A competitividade, assim, está entre os fatores determinantes do desempenho da balança comercial e, em consequência, do desempenho das contas externas.

São medidas para a formação desta competitividade que amplos setores da economia reclamam como urgentes. José Ricardo Roriz Coelho, presidente da Associação Brasileira da Indústria do Plástico (Abiplast) e do Sindicato da Indústria de Material Plástico do Estado de São Paulo (Sindiplast-SP), além de vice-presidente e diretor do Departamento de Competitividade e Tecnologia da Fiesp, tem alertado que não se pode falar em competitividade sem lembrar “as agruras do custo Brasil, composto por carga tributária, que incide inclusive sobre investimentos, algo raro em todo o planeta; burocracia, capital de giro, energia/matéria-prima e infraestrutura/logística”.

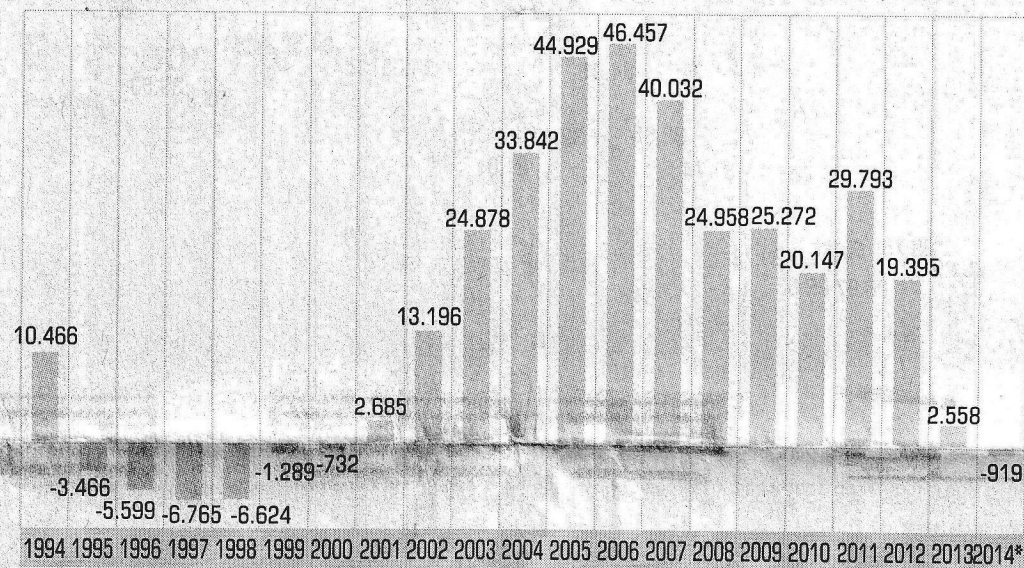
O empresário diz que a este conjunto que forma o custo Brasil soma-se uma política monetária que, ele considera, está na contramão da realidade global. “Tudo isso faz com que fabricar no País seja pelo menos 34% mais caro do que nas economias com as quais concorremos. Por isso, não se pode entender a necessidade de juros em níveis mais estimulantes à produção como algo isolado. Trata-se de um processo atrelado a uma estratégia com ações de curto, médio e longo prazo para o crescimento sustentado da economia.”

Ele aponta o seu setor, o de transformação de plástico, como exemplo dos reflexos destes proble-

Uma taxa de câmbio bem equilibrada, suficiente para estimular as exportações, mas sem abrir excessivamente a porteira para as importações, é um ponto crucial para o sucesso do País, que precisa, logo, adotar uma estratégia que cumpra essa tarefa delicada. Especialistas consideram que há artificialismo no tratamento ao câmbio e que esta rota tem de ser interrompida. A questão cambial é particularmente complexa, porque tem efeito direto sobre o balanço de pagamentos, que saiu do terreno do equilíbrio e se tornou uma preocupação.

Saldo da Balança Comercial

Em US\$ milhões FOB



* Até o mês de julho.

Fonte: MTE-Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged)

As agruras do custo Brasil, composto por carga tributária, que incide inclusive sobre investimentos, algo raro em todo o planeta; burocracia, capital de giro, energia/matéria-prima e infraestrutura/logística”.

José Ricardo Roriz Coelho,

presidente da Associação Brasileira da Indústria do Plástico (Abiplast) e do Sindicato da Indústria de Material Plástico do Estado de São Paulo (Sindiplast-SP)

mas. Composto por 11.670 empresas, que empregam um total de 358 mil pessoas, nele predominam empresas pequenas e médias, cujo produto está presente em praticamente todas as cadeias produtivas, e que têm feito grande esforço no tocante ao

aporte tecnológico e no plano da sustentabilidade. “Mesmo assim, o setor está sofrendo com a perda da competitividade, como toda a indústria de transformação”, relata.

O economista Paulo Rabello de Castro, criador da

RC Consultores, disse, no 6º Encontro e de Empresas Comerciais Importadoras e Exportadoras (Ceciex), que o País está em dificuldades na disputa externa. “O Brasil está despreparado para essa competição internacional. Nós estamos simplesmente enxugando o gelo e eu diria que, se há alguma contribuição a darmos, seria denunciar que estamos sendo complacentes demais em discutir aspectos operacionais quando o conjunto da obra não é compatível nem com o começo da competitividade”, avaliou.

“Se não forem feitas mudanças na política de comércio exterior brasileira não sobrará muito do atual comércio exterior para os netos dos atuais empresários do setor administrarem”, avisou no evento.

Rabello de Castro frisou em sua apresentação que o País tem um agronegócio que produz e exporta, mas que não se pode contar com isso para sempre. “Por sorte, com o agronegócio, que é largado, salvo por uma ação meritória da Embrapa, nós conseguimos chegar a esse sucesso que paga a conta da nossa completa falta de competitividade. Isso é muito ruim porque significa dizer que estamos fazendo uma leitura de que ainda dá tempo”, disse. “Tire-se o agronegócio da conta da balança comercial brasileira e vejamos os R\$ 100 bilhões de déficit que fica lá”, completou.

Em agosto, a balança comercial até conseguiu resultado positivo, o primeiro do ano, com saldo de US\$ 1,7 bilhão, mas por uma razão que não envolveu comércio exterior efetivo, e sim o registro, como venda externa, de uma plataforma de exploração de petróleo. Trata-se de uma exportação ficta, em que a Petrobras vende o equipamento para uma subsidiária sua no exterior, porém ele não deixa o Brasil, onde fica como se estivesse sendo alugado pela estatal. Em julho, já havia ocorrido uma operação dessas, de US\$ 866 milhões. Em 2013, foram sete as plataformas exportadas por esse sistema, o que garantiu o superávit da balança comercial brasileira no ano passado.

NO ANO, AS VENDAS BRASILEIRAS ao mercado externo foram de US\$ 154 bilhões, com redução de 0,5% pela média diária em comparação a igual período de 2013. As compras brasileiras também declinaram em 3% neste comparativo, somando US\$ 153,8 bilhões no acumulado mensal. O saldo comercial em 2014 ficou positivo, pela primeira vez, em US\$ 249 milhões. No mesmo período do ano passado, a balança comercial registrava déficit de US\$ 3,752 bilhões. O reduzido nível da atividade econômica ajudou a diminuir as importações, dando algum alívio ao saldo.

O risco da dependência excessiva de commodities, geralmente cercadas de mais incertezas do que os produtos manufaturados, fica bem evidenciado com o que ocorreu em agosto, de acordo com empresários do setor. Os embarques do principal produto da pauta exportadora deste ano, a soja, levaram tombo de 22,7% em relação a agosto de 2013, ao mesmo tempo em que vendas externas de minério de ferro recuaram 24,3% na mesma base de comparação. É claro que as commodities também podem reservar surpresas positivas, com outras se destacando por volumes recordes embarcados, mas, dizem empresários e especialistas, a balança comercial tem de contar com uma estrutura que amenize o impacto de eventos desfavoráveis.

O diretor do Departamento de Estatística e Apoio à Exportação do MDIC, Roberto Dantas, avaliou, em entrevista veiculada na imprensa, que a retração das vendas externas de minério de ferro e soja em agosto foi conjuntural. “É esperado um aumento maior das exportações de minério de ferro este ano do que em 2013”, afirmou. “A soja também continuará contribuindo para as exportações brasileiras”, afirmou. Para ele, conforme reportado pela Agência Estado, as vendas externas brasileiras estão sendo afetadas pela queda da demanda na Argentina, um dos principais mercados para os manufaturados do Brasil.

Os especialistas em comércio exterior, aliás, reclamam que o País não tem se dedicado a bons acordos bilaterais e que a atenção ao Mercosul já deveria estar menor. Desta forma, uma recomendação é que o próximo governo se preocupe mais com outros blocos, em que as negociações sejam menos complicadas do que com um grupo em que figura a Argentina.